

O mais gordo dos três é o meu pai, ele que era, no entanto, tão esbelto nessa época. Murraille está debruçado sobre ele como se lhe segredasse qualquer coisa. Marcheret, de pé em segundo plano, esboça um sorriso, o peito ligeiramente inchado, as mãos na lapela do casaco. Não é possível precisar o tom dos fatos nem dos cabelos. Parece que Marcheret veste um príncipe de Gales amarelo-torrado de corte muito largo. Note-se o olhar vivo de Murraille em contraste com o do meu pai, inquieto. Murraille parece ser alto e magro, mas a parte inferior do rosto é balofa. Tudo no meu pai exprime o abatimento. Exceto os olhos, quase esbugalhados.

Paredes forradas de madeira e chaminé em tijolo: é o bar do Clos-Foucré. Murraille tem um copo na mão. O meu pai também. Não esqueçamos o cigarro que pende dos lábios de Murraille. O meu pai segura o seu entre o anelar e o mínimo. Preciosismo indolente. Ao fundo da sala, a três quartos, uma silhueta feminina: Maud Gallas, a gerente do Clos-Foucré. As poltronas que Murraille e o meu pai ocupam são certamente de couro. Nota-se um vago reflexo no encosto, justamente um pouco abaixo do local onde se vem esmagar a mão esquerda de Murraille. O seu braço contorna assim a nuca do meu pai, num gesto que poderá ser de grande proteção. No pulso, insolente, um relógio de mostrador quadrado. Marcheret, em razão da posição em que se encontra e da sua estatura atlética, esconde parcialmente Maud Gallas e as filas de garrafas do bar. Distingue-se – sem que para isso seja necessário um grande esforço – um calendário de efemérides suspenso na parede atrás do balcão.

Nitidamente recortado o número catorze. Impossível ler o mês e o ano. Mas se bem se observar os três homens e a silhueta desfocada de Maud Gallas, concluir-se-á que esta cena se desenrola num passado já muito distante.

Uma velha fotografia descoberta por acaso no fundo de uma gaveta e à qual, com cuidado, tiramos o pó. A noite cai. Os fantasmas entraram como de costume no bar do Clos-Foucré. Marcheret instalou-se num banco. Os outros dois preferiram as poltronas colocadas junto da chaminé. Encomendaram *cocktails* de uma enjoativa e inútil complicação que Maud Gallas preparou, ajudada por Marcheret que lhe lançava piadas de gosto duvidoso, chamando-lhe «Minha Maud gorda» ou então «Minha tonquinesa». Ela não parecia incomodar-se com isso e quando Marcheret lhe enfiou a mão no decote e lhe apalpou um seio – um gesto que provoca sempre nele uma espécie de relincho –, continuou impassível, com um sorriso que não sabemos se exprimia desprezo ou cumplicidade. É uma mulher de cerca de quarenta anos, loura e pesada, com uma voz grave. O brilho dos olhos – serão azul-escuros ou malvas? – surpreende. Que atividade exerceria Maud Gallas antes de assumir a gerência desta estalagem? A mesma, muito provavelmente, mas em Paris. Ela e Marcheret fazem frequentemente alusão ao Beau-lieu, uma discoteca no bairro de Ternes fechada há vinte anos. Falam disso em surdina. Alternadeira? Antiga artista de variedades? Marcheret, não tenhamos dúvida, conhece-a há muito tempo. Ela trata-o por Guy. Soltam risadas abafadas enquanto preparam os aperitivos no momento em que entra Grève, o chefe de mesa, que pergunta a Marcheret: «O que é que o senhor conde deseja comer mais tarde?» Ao que Marcheret responde invariavelmente: «O senhor conde comerá merda» e avança o queixo, franze os olhos e contrai o rosto com tédio e presunção. Nesses momentos, o meu pai solta sempre uma pequena risada para mostrar a Marcheret que aprecia aquela réplica e que o considera, a ele, Marcheret, o homem mais espirituoso do mundo. Este, encantado com o efeito produzido no meu pai, interpela-o: «Não tenho razão, Chalva?» E o meu pai precipitadamente: «Claro que sim, Guy!» Murraille é insensível a este tipo de humor. Uma noite em que Marcheret, mais em forma

do que o costume, declarou levantando a saia de Maud Gallas «Isto sim, é uma coxa!», Murraille adotou um tom agudo de conversa mundana: «Perdoe-lhe, cara amiga, ele julga que ainda está na Legião.» (Esta observação revela sob uma nova luz a personalidade de Marcheret.) Murraille, esse, toma ares de cavalheiro. Utiliza palavras rebuscadas, modula o timbre da voz para lhe conferir o máximo de suavidade e recorre a uma espécie de eloquência parlamentar. Acompanha as palavras com gestos largos, não desdenha nenhum meneio do queixo ou das sobrancelhas e frequentemente desenha com os dedos o movimento de um leque que se abre. Veste-se com apuro: tecidos ingleses, camisas e gravatas combinadas em graduações de cor muito subtis. Mas porquê então este perfume de Chipre demasiado insistente que flutua em seu torno? E este grande anel de platina? Observemo-lo de novo: a testa é larga e os olhos claros têm uma alegre expressão de franqueza. Mas, mais abaixo, o cigarro pendente acentua a moleza dos lábios. A arquitetura enérgica do rosto esboroa-se à altura dos maxilares. O queixo é esquivo. Escutemos: a sua voz, por momentos, torna-se rouca e quebrada. Algumas palavras de uma extrema vulgaridade explodem como bolhas. Em suma, interrogamo-nos com uma certa inquietação, se ele não será feito do mesmo estofado grosseiro que Marcheret.

Esta impressão confirma-se quando se observa os dois no fim do jantar. Estão sentados lado a lado, de face para o meu pai de quem só se distingue a nuca. Marcheret fala muito alto, num tom de voz martelante. O sangue congestionou-lhe as faces. Murraille levanta também o tom de voz e o seu riso estridente cobre o de Marcheret, mais gutural. Trocam piscadelas de olho e dão-se mutuamente grandes palmadas nas costas. Uma cumplicidade, cuja razão nos escapa, estabelece-se entre eles. Seria preciso estar-se sentado com eles à mesa e não se perder uma única palavra do que estão a dizer. De longe só vos chegam alguns ecos, desordenados e insuficientes. Agora mantêm um conciliábulo e os seus murmúrios perdem-se nesta grande sala de jantar deserta. Do candeeiro de bronze uma luz crua desce sobre as mesas, as paredes de madeira, o armário normando, as cabeças de veado e de cabrito-montês penduradas nas paredes. Uma luz que os cobre como uma nuvem de

algodão e que abafa o som das suas vozes. Nem uma única mancha de sombra. Salvo as costas do meu pai. Perguntar-se-á porque razão a luz o poupa. Mas a nuca destaca-se nitidamente sob o lampejo do candeeiro e podemos mesmo avistar no seu centro uma pequena cicatriz rósea. Está de tal forma curvada, essa nuca, que parece oferecer-se a um invisível cutelo. Sorve cada uma das palavras que os outros dizem. Avança a cabeça até a uns escassos centímetros das deles. Por pouco encostaria a testa à de Murraille ou à de Marcheret. Quando a cara do meu pai se aproxima um pouco de mais da sua, Marcheret agarra-lhe na bochecha com o indicador e o polegar, e torce-a num gesto lento. O meu pai afasta-se logo, mas Marcheret não o larga. Segura-o assim durante alguns minutos e aumenta a pressão dos dedos. Com certeza que o meu pai sente uma dor aguda. Depois fica-lhe na cara uma marca vermelha que ele tapa com uma mão furtiva. Marcheret diz-lhe: «Isto ensinar-te-á, Chalva, a não seres tão curioso...» E o meu pai: «Sim, Guy... Lá isso é verdade, Guy...» Sorri.

Grève traz os licores. A sua atitude e os seus gestos cerimoniais contrastam com o desleixo dos três homens e da mulher. Murraille, o queixo apoiado na palma da mão, o olhar baço, dá uma impressão de completo abandono. Marcheret desapertou o nó da gravata e apoia todo o seu peso no espaldar da cadeira de forma que esta se mantém em equilíbrio sobre duas pernas. Receia-se a todo o momento que ela caia para trás. Quanto ao meu pai, debruça-se para eles com uma tal insistência que o seu peito quase toca na mesa e bastaria um piparote para o fazer cair de bojo em cima dos pratos. As raras palavras que ainda é possível captar são aquelas que Marcheret lança com uma voz pastosa. Ao fim de algum tempo não solta mais do que uns borborigmos. Será o jantar demasiado copioso (pedem sempre pratos com molho e diferentes espécies de caça) ou o abuso das bebidas (Marcheret exige vinhos borgonheses encorpados, de antes da guerra) que lhes provoca aquela letargia?

Atrás deles, Grève mantém-se muito direito. Acaba por perguntar, dirigindo-se a Marcheret: «O senhor conde deseja uma outra bebida?» acentuando bem cada uma das sílabas de «o senhor conde». E articula ainda mais enfaticamente: «Com certeza, senhor

conde.» Quererá ele dessa forma chamar à ordem Marcheret e dar-lhe a entender que um cavalheiro não se deveria comportar daquela maneira?

Por cima da silhueta rígida de Grève, uma cabeça de cabrito-montês destaca-se da parede como uma figura de proa e o animal fita Marcheret, Murraille e o meu pai com toda a indiferença dos seus olhos de vidro. A sombra das armações desenha no teto um entrelaçado gigantesco. A luz enfraquece. Uma baixa de tensão? Eles continuam prostrados e silenciosos na penumbra que os devora. De novo esta impressão de estarmos a ver uma velha fotografia até ao momento em que Marcheret se levanta de uma forma tão brutal que, por vezes, vai de encontro à mesa. Então, tudo recomeça. O lustre e os candelabros recuperam todo o seu brilho. Desaparecem as sombras. Desaparece a sensação de desfocado. O menor dos objetos recorta-se com uma nitidez quase insustentável. Os gestos, que eram lânguidos, tornam-se secos e imperiosos.

Até mesmo o meu pai se endireita como que respondendo a uma ordem de sentido.

Dirigem-se evidentemente para o bar. Para onde ir? Murraille pousou uma mão amigável no ombro do meu pai e fala-lhe, de cigarro nos lábios, para o convencer de qualquer coisa que já tinham discutido. Param um momento a alguns metros do bar onde Marcheret já se instalou. Murraille debruça-se sobre o meu pai e adota o tom confidencial de alguém que oferece garantias às quais não se resiste. O meu pai assenta com a cabeça, o outro dá-lhe pancadinhas no ombro como se tivessem chegado por fim a um acordo.

Estão os três sentados defronte do bar. Maud Gallas pôs a TSF em surdina, mas, quando uma canção lhe agrada, roda o botão do aparelho e aumenta o volume. Murraille, esse, prestará uma grande atenção ao comunicado das vinte e três horas que será martelado por um locutor de voz seca. Depois virá o indicativo anunciando o fim das emissões. Uma musiquinha triste e insidiosa.

Um longo silêncio ainda, antes deles começarem com as recordações e as confidências. Marcheret diz que tem trinta e seis anos, que é um homem acabado e queixa-se do seu paludismo. Maud Gallas evoca a noite em que ele entrou de uniforme no Beaulieu

e a orquestra cigana, para lhe dar as boas-vindas, arranhou o hino da Legião. «Uma das nossas belas noites de antes da guerra», diz ela com ironia, esmagando um cigarro. Marcheret levanta os olhos, observa-a com curiosidade e acaba por dizer que, ele, está-se nas tintas para a guerra. E que tudo pode correr ainda pior, que isso não lhe diz respeito. E que ele, conde Guy, François, Arnaud de Marcheret d'Eu, não tem lições a receber de ninguém. A única coisa que lhe interessa é «o champanhe que borbulha no seu copo» e do qual atira um esguicho raivoso para o peitilho de Maud Gallas. Murraille intervém: «Vamos lá, então?...» Não, claro que não, aquele seu amigo não é um homem acabado. E antes de mais, o que é que quer dizer «acabado»? Hein! Nada! Afirma depois que o seu muito caro amigo tem ainda anos magníficos à sua frente. Pode aliás contar com a afeição e o apoio de Jean Murraille. Aliás, será que ele, Jean Murraille, hesita um segundo sequer em dar a sua sobrinha em casamento ao conde Guy de Marcheret? Hein! Iria ele casar a sobrinha com um homem acabado? Hein! Volta-se para os outros como que a desafiá-los a dizer o contrário. Hein! Que melhor prova de confiança e amizade poderá ele dar? Acabado? Mas o que é que quer dizer «acabado»? «Estar acabado é estar...» Mas não termina a frase. Não encontra nenhuma definição e levanta os ombros. Marcheret observa-o com grande atenção. Se o Guy não vê inconveniente nisso, exclama então Murraille como que tomado de uma súbita inspiração, a testemunha dele será o Chalva Deyckecaire. E Murraille aponta para o meu pai cujo rosto logo se ilumina numa expressão de infinito reconhecimento. O casamento celebrar-se-á dentro de quinze dias no Clos-Foucré. Os amigos virão de Paris. Uma pequena festa familiar que cimentará a associação Murraille-Marcheret-Deyckecaire! Os Três Mosqueteiros! Aliás, tudo corre pelo melhor! Marcheret não tem nenhum motivo para se preocupar. Vivemos tempos conturbados mas o dinheiro corre a rodos. Perfila-se já toda uma série de esquemas cada um mais interessante do que o anterior. Guy receberá a sua parte dos benefícios. Até à última gota! Clique! O conde bebe à saúde de Murraille (e facto curioso: a diferença de idade entre ele e Murraille não deve ser superior a dez anos...) e declara levantando o copo que se sente

feliz e orgulhoso em casar com Annie Murraille porque ela tem «as nádegas mais louras e mais quentes de Paris».

Maud Gallas acordou e perguntou-lhe o que é que ele irá oferecer à sua futura esposa como prenda de casamento. Um casaco de *vison* prateado e duas pulseiras de malha grossa em ouro maciço que lhe custaram seis milhões *cash!*

Acaba de trazer de Paris uma mala a abarrotar de divisas estrangeiras. E de quinino. Porcaria do paludismo...

«Isso sim, pode-se dizer que é uma porcaria», diz Maud.

Onde é que ele conheceu a Annie Murraille? Desculpe? Annie Murraille? Hã! Onde a conheceu! No *Langer's*, claro, um restaurante nos Campos Elísios. No fundo, não é verdade, ele conheceu Murraille através da sobrinha! (Solta uma risada.) Foi um verdadeiro *coup de foudre* e foram passar o resto da noite a sós no *Poisson d'Or*. Insiste nos pormenores, baralha-se, reencontra o fio da meada. Murraille, que a princípio lhe prestava uma atenção divertida, prossegue agora com o meu pai a conversa iniciada no fim do jantar. Maud ouve pacientemente Marcheret cuja narrativa descamba para uma conversa de bêbado.

O meu pai cabeceia de sono. Os papos que tem debaixo dos olhos incharam o que lhe dá um ar de extremo cansaço. Qual será o papel exato que ele desempenha junto de Murraille e Marcheret?

Faz-se tarde. Maud Gallas acaba de apagar o grande candeeiro ao pé da chaminé. Um sinal, sem dúvida, para lhes dar a entender que chegou a hora de se irem embora. A sala agora só é iluminada pelos dois candelabros, com abajur vermelho, suspensos na parede do fundo e o meu pai, Murraille e Marcheret mergulham de novo na penumbra.

Atrás do balcão, subsiste ainda uma pequena zona iluminada no centro e na qual Maud Gallas se mantém imóvel. Ouve-se o murmúrio de Murraille. E a voz de Marcheret cada vez mais hesitante. Este deixa-se agora escorregar pesadamente do alto do banco para o chão, aguenta-se à justa e ampara-se no ombro de Murraille para não se estatelar. Dirigem-se para a porta com passos vacilantes. Maud Gallas acompanha-os até ao umbral. O ar da noite reanima Marcheret. Diz a Maud Gallas que se ela se sentir sozinha,